

Deus sobre as pedras: Guilherme Figueiredo em Israel

God over the Stones: Guilherme Figueiredo in Israel

Filipe Amaral Rocha de Menezes *

Resumo: Entre 1963 e 1964, Guilherme Figueiredo – teatrólogo, romancista e crítico de teatro brasileiro – fez uma viagem a Israel, na época uma ainda jovem nação de quinze anos. Essa viagem resultou em *Deus sobre as pedras: Israel*, publicado em 1965. O livro contém assuntos variados relativos a Israel, desde explicações sobre a formação do Estado, crítica teatral de autores israelenses e explicação sobre como são constituídos os kibbutzim. O objetivo deste artigo é analisar este relato, tomando por base: as descrições dos locais históricos visitados pelo autor, a crítica e a interpretação da cultura nacional israelense em formação e os diálogos e encontros que Figueiredo mantém com brasileiros que viviam em Israel – conversas nas quais o principal assunto era a comparação entre a cultura brasileira e a cultura israelense em formação.

Palavras-chave: Israel. Viagem. Guilherme Figueiredo.

Abstract: Between 1963 and 1964, the Brazilian intellectual Guilherme Figueiredo – playwright, novelist and critic – traveled to Israel, the new-born nation of fifteen years. The book *Deus sobre as pedras: Israel*, published in 1965, is the result of that travel. The report contains many subjects relating to Israel, provided explanations on the formation of the state, the dramatic criticism of Israeli authors, explaining how they formed the kibbutzim. The purpose of this communication is to discuss and analyze this report, based on: the descriptions of historical sites visited by the author, criticism and interpretation of Israeli national culture in training and dialogues and workshops that the author has with Brazilians who have lived in Israel - conversations in which the main subject was the comparison between the Brazilian culture and Israeli culture in training.

Keywords: Israel. Travel. Guilherme Figueiredo.

Escrevo com certo cuidado, batendo suavemente na máquina, com a tentação de ir de vez em quando à porta do quarto do hotel, a ver se não me preparam uma agressão, durante o silêncio da tarde. é que começou o *sabbat*; minha desrespeitosa atividade pode ofender os israelenses. Não há perigo, todos me asseguram – embora no hotel de Tel-Aviv, como de Safed, como em Jerusalém, ou no de Haifa, de Cesaréia ou Natânia, se encontre o mesmo aviso nas salas de jantar: 'Don't write on Saturdays. No smoking on Saturdays'.

Guilherme Figueiredo

Por inúmeras vezes, Guilherme Figueiredo, em *Deus sobre as pedras: Israel*, se impressiona com placas, cartazes e avisos, transcrevendo-os e os analisando, estabelecendo, a partir dessas anotações, um pequeno panorama da cultura israelense. Ao compará-la à brasileira de forma mais profunda no início do relato, trata de política, nacionalismo, *shabat* e outros costumes religiosos que assumem força de lei na nova nação. O momento da visita de Figueiredo é histórico: há cerca de quinze anos a Guerra da Libertação tornara independente Israel. Jerusalém estava dividida em duas partes, a ocidental e a oriental, e governada por dois povos: israelenses e jordanianos. Para o escritor, não havia ainda uma cultura israelense definida, mas uma mescla de grupos judeus imigrantes de várias partes do mundo que se entrelaçavam e desejavam uma cultura nacional.

Guilherme Figueiredo foi dramaturgo, ensaísta, crítico e professor. Nascido em uma família de militares (era irmão do ex-Presidente João Batista Figueiredo), seguiu por pouco tempo essa carreira, formando-se em Direito e doutorando-se em Letras. Nesse contexto, não teve qualquer problema com a ditadura, ao contrário, usufruiu de várias regalias sendo nomeado adido cultural na França e representante do Brasil em delegações para ONU, em Nova Iorque, e num congresso da UNESCO, em Zâmbia. Suas peças *A raposa e a uva* e *Um deus dormiu lá em casa* obtiveram sucesso internacional, sendo traduzidas para várias línguas e representadas em várias partes do mundo. *Deus sobre as pedras: Israel*, no entanto, não rendeu os mesmos louros.

Esse relato foi publicado por José Álvaro, em 1965, no Rio de Janeiro. Seu livro de memórias, *A bala perdida*, faz apenas uma pequena menção à viagem a Israel, realizada entre 1963-64, mas a obra não consta na lista de suas publicações. Apesar do pouco sucesso, o relato retrata Israel pela lente de um intelectual brasileiro. Para o escritor, um país muito jovem, formado por levas de imigrantes, que ainda lutava para se impor e para se estabelecer como nação. O texto é explicativo, narrado em primeira pessoa, e trata desde a utopia imaginada por Theodor Herzl, a construção do hebraico moderno por Ben Yehuda aos problemas da atualidade israelense à época, como o choque entre a geração imigrante e a geração nascida em Israel e as dificuldades de Israel para com os seus vizinhos.

Para Figueiredo, Israel seria uma cultura em formação, assim como sua língua. Ele comenta:

Ora, o hebreu da Bíblia pode conter um vocabulário que serve até para a macumba, mas não possui as palavras do nosso diálogo trivial. [...] ainda ontem o meu táxi bateu levemente num carro particular, à entrada de Iafó: os dois motoristas se entredegradaram violentamente alguns bons minutos, ambos na língua em que Isaias imprecava, Jeremias se lamentava e Moisés fazia de pára-raio do Verbo. (p. 35-36)

O escritor brasileiro aponta para o uso da língua da Bíblia no cotidiano israelense com certo espanto e admiração. Figueiredo impressiona-se com a diferença cultural entre Brasil e Israel e, em outro momento, imerso na cultura e no imaginário judaico-cristão, surpreende-se com os hábitos orientais dos israelenses. O *shabbat*, diferentemente do domingo, o dia santo cristão, é seguido à risca pelos grupos religiosos mais ortodoxos, garante. O dia de descanso judaico é comparado à Sexta-feira da Paixão ou o Dia de Finados, aqui no Brasil. Não se pode dirigir, fumar e nem mesmo datilografar à máquina, registra o cronista. Os avisos ficam nas salas de jantar dos hotéis para que os estrangeiros sigam, também, a ordenança e, segundo o autor, não fiquem expostos às pedradas atiradas por religiosos mais radicais.

Figueiredo destaca, assim, uma série de rituais religiosos na vida cotidiana de Israel. A *mezuzá* encontrada nos batentes das casas e o *kipar* usado o tempo todo, nas refeições ou para entrar na sinagoga, são exemplo dessa religiosidade que permeia lugares vistos como seculares. Para o escritor: "mesmo quando se trata da Sinagoga do Hospital Hadassah, da Universidade de Jerusalém, para ali ver os vitrais das 'Doze Tribos', obra-prima de Marc Chagall.[...] O solidéu negro está ao lado do porteiro que vende reproduções dos vitrais." (p. 27)

Num passeio por *Meah Shearim*, o bairro ortodoxo de Jerusalém, o escritor se encanta com os meninos de cabeças raspadas usando gorros de onde só deixam sair as longas pontas dos *peihot*. Também observa as mulheres com suas perucas, escondendo, segundo afirma, as "cabeças raspadas". Dentre os aspectos de religiosidade, os rigores morais e alimentares são destacados por ele. O modo como alguns israelenses fazem para burlá-los, e viverem uma vida mais próxima do estilo ocidental, é aproximado, pelo escritor, ao "jeitinho brasileiro". Para ele: "talvez seja de inspiração semita esse 'jeitinho', milagre

de sabedoria anônima, de esperteza, de corda-bamba, graças a qual as coisas não são sempre como são ou como não são." (p. 29)

Um dos problemas enfrentados pelos israelenses, e registrado pelo escritor, é o casamento. Como o Estado de Israel adota a lei mosaica como código civil, não há casamento que não seja religioso, o que dificulta o casamento entre pessoas de grupos religiosos diferentes, isto é, por exemplo, entre cristãos e judeus, ou judeus e muçulmanos. Assim, surge o "jeitinho israelense" descrito por Figueiredo: "o rabino casa a israelita com o *goy* ou vice-versa; depois, o sacerdote cristão casa-os de novo; quando sobrevivem os filhos, são circuncidados na sinagoga e batizados na Igreja; nos casos de junção ou separação em que a lei é omissa, vai-se a Chipre, que é o México dos israelenses, e volta-se de papel passado." (p. 29-30)

Esse "jeitinho", não sem um tom de certo cinismo, também se aplica no relato dos desvios das regras alimentares. Os restaurantes oferecem as opções de *casher* ou não-*casher*, e um guia teria oferecido ao escritor, "pura ou da boa". Segundo Figueiredo, o "O *shabat* tem seus segredos", e as burlas a suas leis seriam reveladas para os turistas aproveitarem Israel no seu máximo, com tudo que se tem por oferecer, inclusive, a exuberante cozinha mediterrânea, parte dela condenada pelas leis alimentares religiosas. A indicação seria, então, fugir "dos hotéis americanizados de Tel-Aviv e correr para Iafa". Essa cidade milenar, vizinha de Tel-Aviv, seria o lugar próprio para essas fugas gastronômicas. O escritor lembra que, nessa cidade, o profeta Jonas teria embarcado e posteriormente engolido pelo grande peixe, vulgarmente chamado de baleia. Lá, o turista pode se deliciar com pratos enumerados pelo narrador, como: a pecaminosa lagostina, os camarões proibidos pela Torah, as frituras, as *cigales de la mer* – tudo que se possa imaginar, menos o porco, que, segundo o autor, não se encontra em Israel. Figueiredo ainda elege para o topo das iguarias o *gefilte fish*, "espécie de vingança do profeta Jonas contra o peixe que o comeu". (p. 32)

Além dos prazeres do paladar em Israel, Figueiredo experimentou um pouco de suas artes. Uma de suas peças já havia sido ali representada. Ele vai ao teatro e analisa três peças em cartaz à época, além de falar, também, sobre as ótimas condições das salas de apresentação. Figueiredo comenta sobre uma peça de Beit Liessin, representada pelo ator polonês Zymunt Turkow, radicado em Israel e atuante em companhias de teatro recém-constituídas. O teatro israelense, mesmo não tendo origens antigas e clássicas como o teatro ocidental, afirma o escritor, se destacaria por seu teor universal e sua simplicidade, características fundamentais de uma arte para um povo tão diversificado. As peças em Israel, garante, alcançavam grande quantidade de representações, pois a população extremamente culta afluía em massa aos teatros. Algumas peças também são apresentadas por grupos itinerantes em *kibbutzim*, oferecendo entretenimento para aqueles que escolheram viver uma vida comunitária.

Em visita a algumas dessas fazendas comunitárias, Figueiredo foi apresentado a brasileiros e pôde conhecer como era esse estilo de vida. Nos arredores do sítio arqueológico de Megido, foi levado para o Kibbutz Ramot Menashé, onde conhece uma brasileira, Anita, uma gaúcha casada com o administrador do *kibbutz*, Zwi Gandelsman. O casal passa a ser cicerone de Figueiredo, apresentando-o a organização da fazenda, ao refeitório, a creche, além de ensina-lo sobre os tipos, as histórias e as origens dos *kibbutzim*. Eles visitam a fazenda coletiva vizinha, o Dália, onde viviam outros brasileiros. Ao final da visita, conversando com Anita, Figueiredo pergunta: "Você gostou daqui?", e ela responde: "Eu gosto. Muito, muito, mesmo. Mas um dia quero ir ver o Brasil." (p. 50)

Figueiredo vai encontrar outros brasileiros apenas em Jerusalém, onde refletiu sobre a cultura israelense em formação. De acordo com sua avaliação, esta é baseada no nacionalismo. Apesar disso, a música, o teatro, a pintura, todas as artes poderiam ser judaicas, mas não eram israelenses. Estavam, ainda, num processo de recriação, numa possível estética israelense. Mesmo os brasileiros residentes em Israel passaram a adotar novos hábitos, influenciados por seus filhos, israelenses de nascimento.

Ele narra a história de um arquiteto brasileiro que não guardava o *shabat*, nem os rigores morais ou alimentares, e que por seu comportamento aproximado ao laico foi censurado pelo filho, nascido em Israel. A nova geração continua carregando diferenças, porém, avalia o escritor, segue formando um Israel de vários estilos e tipos.

Figueiredo, como um brasileiro na Terra Santa, confessa:

Se eu tivesse visitado Jerusalém há mais tempo, talvez minhas impressões de viagem apresentassem apenas algum lirismo, a manifestação de espanto diante da cidade moderna que substituiu a Jerusalém bíblica existente em mim. [...] e agora já não encontro, com a mesma clareza, a Jerusalém imaginada e a Jerusalém que vi. (p. 115)

Essa Jerusalém, a que ele se refere como imaginada, é fruto de uma formação dentro da cultura ocidental e uma viagem a Terra Santa produz sensações inesperadas até mesmo em cristãos não-praticantes como Figueiredo. Conhecedor profundo da Bíblia e suas histórias, ao visitar locais históricos e de peregrinação, faz menção às passagens bíblicas e a seus personagens, chegando ao ponto de, em certas passagens, imaginar como teriam sido os verdadeiros diálogos. Como a intrigante e encantadora, segundo Figueiredo, mulher de Lot, cuja história é tratada por Figueiredo a partir de uma visão surrealista de um bar a beira do mar Morto.

Figueiredo e seus guias saem pelo deserto de Neguev, de Beersheba, passando por Arad, avistam, ali, um aviso que estão no nível do mar, e logo abaixo, a quatrocentos metros, vêem o outro deserto, este "azul-e-branco do Mar Morto, com suas praias de sal e sulfatos." Pouca coisa havia ali, naquela época. Segundo o escritor, dentro do leito do mar descansariam as duas cidades de má reputação, Sodoma e Gomorra, que teriam sido soterradas por uma tempestade de pedras e fogo, de onde Lot fugiria com suas filhas e a esposa que se tornara uma estátua de sal. Como uma miragem formada pelos vapores sulfurados do mar hipersalgado, o escritor vê um bar, o *Lot's Wife Inn* (Taberna a Mulher de Ló), homenagem a mulher que foi transformada em estátua de sal como castigo por ter contemplado a destruição das cidades.

Em seguida, já em Massada, a fortaleza construída numa elevação vizinha ao mar Morto, foi outro lugar que rendeu ao escritor algumas linhas de erudita reflexão. Na época de sua visita, Massada havia há pouco deixado de ser uma lenda. Por volta de 1955, moradores de um *kibbutz* das redondezas, confiados nas descrições de Flávio Josefo, haviam removido pedras e descoberto colunas coloridas de um palácio. As descobertas arqueológicas eram numerosas, incluindo rolos que continham capítulos do livro dos Salmos. Figueiredo se maravilha com o ardor daqueles israelenses em confirmar as palavras de um de seus antigos historiadores, para ele um gesto de afirmação nacionalista, assim como a enorme inscrição deixada pelo grupo de arqueólogos, voltada para a Jordânia: "Massada não cairá outra vez." (p. 75)

Em Jerusalém, Figueiredo só obteve acesso a seus lugares sagrados porque possuía um passaporte brasileiro. Mesmo assim, conseguiu um visto de certa forma pouco convencional, do consulado espanhol, o único que ficou do lado da velha Jerusalém, nas querelas do momento. Todos os monumentos e pontos de peregrinação da Cidade Velha ficavam no lado de domínio jordaniano.

A Jerusalém bíblica desaparecia de sua imaginação. Esse é o sentimento que lhe ocorreu, mesmo tendo acesso ao outro lado – o que não era comum e totalmente proibido aos cidadãos israelenses. A divisão da Terra Santa, com todas as suas limitações, seria um dos obstáculos que encontra e que dificulta o entendimento de sua Jerusalém imaginada. Outro obstáculo por ele apresentado é a percepção de que Jerusalém seria, ao mesmo tempo, uma cidade nova e moderna.

Certa noite, ele é convidado a uma boate. Lá, ele observa a juventude israelense. As moças são, para ele, tão lindas quanto às filhas de Jerusalém pelas quais Salomão suspirava, entretanto, são descritas por Figueiredo,

escondidas numa espécie de cave existencialista, bebendo o arak libanês e o uísque, chamando os colegas de Ted e Bob [...] São juventude de jazz e bossa-nova, mas ao mesmo tempo rija: jovens treinados no exército dos desertos, a achar que os pais são uns carolas atrasados e que jamais conseguirão falar o hebreu sem sotaque..." (p. 124)

Os jovens, com seus costumes quase ocidentais, contrastam na escrita de Figueiredo, com as pedras que ele vai contabilizando pelos caminhos. As memórias dos textos bíblicos, evocadas pelas pedras, dão o tom da viagem. Uma, segundo a tradição, seria onde Abraão imolaria seu filho, Isaac; outra marcaria o chamado de Pedro por Jesus, outras, vindas dos mais diversos lugares, formariam as lajes do Museu do Holocausto. Segundo o escritor,

já não há mais deserto algum, o sisal começa a brotar, os beduínos trazem as mulheres grávidas para dar à luz no hospital judeu, a água reverdece as pedras que feriram os pés de Moisés."(p. 57)

Do seu ponto de vista anterior à viagem, Jerusalém seria apenas uma cópia saída diretamente das páginas da Bíblia. De certa forma, a pedra de sal que o bar e a boate representam, lançam luz sobre a Jerusalém contemporânea e delineiam, para o escritor, uma cidade dinâmica, cheia de contrastes, mas efervescente em suas manifestações culturais e religiosas. Além disso, a imagem do sisal brotando e das mulheres grávidas demonstram a esperança de que Israel floresça em harmonia com os seus vizinhos.

* **Filipe Amaral Rocha de Menezes** é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos.

Referência

FIGUEIREDO, Guilherme. *Deus sobre as pedras*: Israel. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1965.